

Der einzige Satz den die sog. junggrammatische Schule als ihr ausschliessliches Eigenthum betrachten darf, ist der von der ausnahmslosen Wirkung der Lautgesetze. Er tritt auch in Schriften auf welche weniger für die Adepten als für die Lehrlinge und Laien bestimmt sind, und zwar trotz des lebhaftesten dagegen erhobenen Widerspruches, ja zum Theil ohne jeden Hinweis auf ihn. Immerhin würde ich dem von gewisser Seite gemachten Vorschlag die Streitart bis auf Weiteres zu vergraben, bereitwillig Folge leisten, wenn sich zwei Parteien mit ganz einheitlichen Bekenntnisformeln gegenüberstünden, es also nur eines Wortes zur Kennzeichnung des eigenen Standpunktes bedürfte. Dies ist nicht der Fall: dieselbe Sache wird auf ziemlich verschiedene Weise ver-

# Hugo Schuchardt

e o princípio da irregularidade da mudança

Maria Clara Paixão de Sousa

Seminários NEHiLP/ GMHP

7 de agosto de 2013





“O rigor deve  
se aplicar aos  
sujeitos,  
não aos objetos.”

Hugo Ernst Mario Schuchardt, 1842-1927

# Resumo

Nesta palestra, gostaria de discutir o “princípio da irregularidade da mudança”, sugerido por Hugo Schuchardt em um texto escrito em 1885, “*Contra os neogramáticos*”.

A questão teórica principal abordada por Schuchardt na crítica às “leis fonéticas” é: “*De onde vem as regras?*”, e sua resposta se constrói de modo a compreender, de fato, como *mudanças esporádicas* podem se transformar em regras. Dois aspectos se destacam nessa argumentação: a preocupação de Schuchardt com a relação de causa e efeito – a “lei da causalidade”, essa sim a maior de todas as leis da ciência para o autor; e a inclusão do espontâneo, do imprevisível, no funcionamento da língua – no funcionamento **regular** da língua. É a inclusão do espontâneo que explica a afirmação de Schuchardt: “*toda mudança fonética, em algum ponto, é irregular*”. Nessa perspectiva, a mudança fonética começa sempre como um evento “esporádico”, se espalha pelo tecido da língua por meio de associações e generalizações, e **se torna uma regra**. O ponto em que a mudança é “irregular” é tipicamente seu início; e o que uma teoria de mudança precisa entender é **a constância desse surgimento de irregularidades no funcionamento das línguas**.

Depois de discutir o texto de Schuchardt contra os Neogramáticos, comentarei brevemente sua repercussão – tanto no que remete à recepção da obra em seu tempo, como no que tange suas contribuições para a reflexão linguística do século XX.



# Estrutura

0. (A obra)
- I. ‘Contra os Neogramáticos’: contexto histórico
- II. A crítica à doutrina das leis fonéticas regulares e o “Princípio da irregularidade”
- III. Repercussão

(A Obra)

# UEBER DIE LAUTGESETZE.

GEGEN DIE JUNGGRAMMATIKER.

VON

HUGO SCHUCHARDT.



BERLIN,  
VERLAG VON ROBERT OPPENHEIM.  
1885.

Schuchardt, Hugo E.M. *Über die Lautgesetze. Gegen die Junggrammatiker*, Berlin , Oppenheim , 1885.

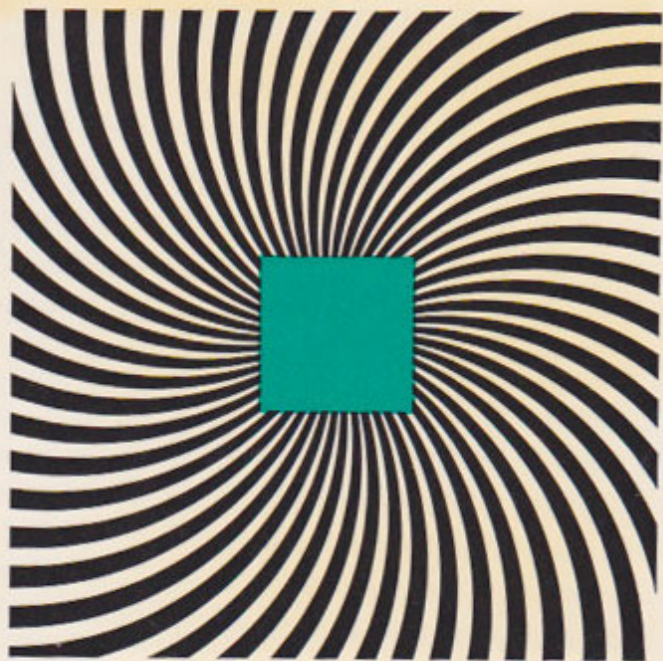
Hugo Schuchardt Archiv,

<http://schuchardt.uni-graz.at/werk/pdf/55>

Deutsches Text Archiv,

[http://www.deutschestextarchiv.de/book/show/schuchardt\\_lautgesetze\\_1885](http://www.deutschestextarchiv.de/book/show/schuchardt_lautgesetze_1885)





THEO VENNEMANN / TERENCE H. WILBUR

Schuchardt,  
the Neogrammarians, and  
the Transformational Theory  
of Phonological Change.

Four Essays

Athenäum

Vennemann, Theo, and Terence H. Wilbur  
(Eds.), *Schuchardt, the Neogrammarians, and the  
Transformational Theory of phonological change:  
Four essays*. Frankfurt, Athenäum, 1972.

Hugo Schuchardt Archiv,

<http://schuchardt.uni-graz.at/werk/pdf/>

404

[1876]

Hugo Schuchardt

# Schuchardt Contra os Neogramáticos

Organização, Introdução, Tradução e Notas  
Maria Clara Paixão de Souza



Paixão de Sousa, M. C. (Ed.) *Schuchardt Contra os Neogramáticos*. Campinas: RG Editora, 2010. v. 1.

*Traduções*

I. *‘Contra os Neogramáticos’*:  
Contexto Histórico





Schuchardt em 1885  
*Hugo Schuchardt Archiv – 1875*

- 1859: Estuda na Universidade de Jena  
(curso de Direito, mudando para Filologia no segundo ano)
- 1861: Estuda na Universidade de Bonn, até 1863
- 1864: Defende seu doutorado: "*De sermonis Romani plebei vocalibus*"  
(publicado entre 1866 e 1868, com o título "*Der Vokalismus des Vulgärlateins*").
- 1870: Defende sua 'Habilitation', na Universidade de Leipzig  
(*"Über die Klassifikation der romanischen Mundarten"*)
- 1873: É aceito como professor de Filologia Românica na Universidade de Halle
- 1875: Faz a primeira viagem de campo, ao País de Gales
- 1876: Assume a Cátedra de Filologia Românica em Graz (via Johannes Schmidt)
- 1879: Faz a segunda viagem de campo, à Espanha
- 1881: Publica a resenha de "*Os dialectos romanicos ou neo-latinos na Africa, Asia e America*", de F. A. Coelho.
- 1882: Publica "*Kreolischen Studien*" (I)
- 1884: Publica "*Slawo-Deutsches und Slawo-Italienisches*" (e recebe o Prêmio Volney)
- 1885: Publica "*Über die Lautgesetze. Gegen die Junggrammatiker*"

Schuchardt em 1885

Os “*Neogramáticos*”

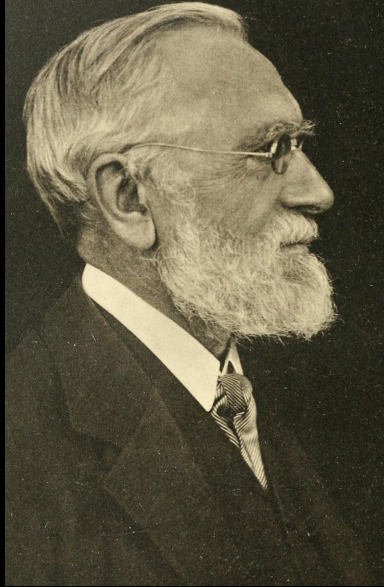


ou ...

Die “*Junggrammatiker*”

na verdade ...

Os “*Jovens Gramáticos*”



August Leskien  
(1840–1916)  
*em 1913*



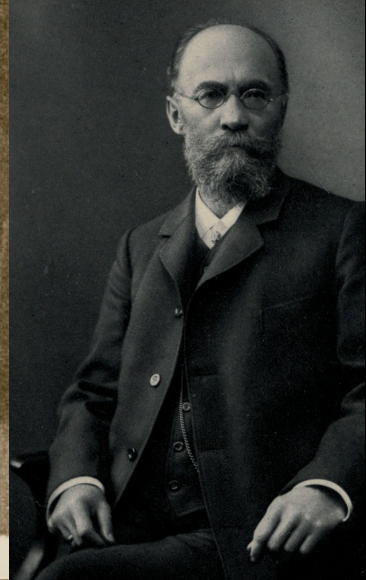
Berthold Delbrück  
(1842-1922)  
*em 1908*



Hermann Paul  
(1846-1921)  
*em ~ 1895*

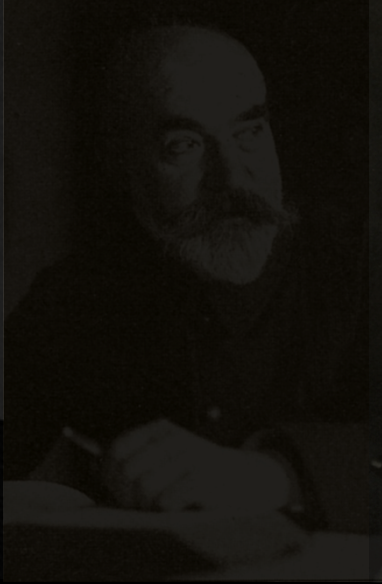
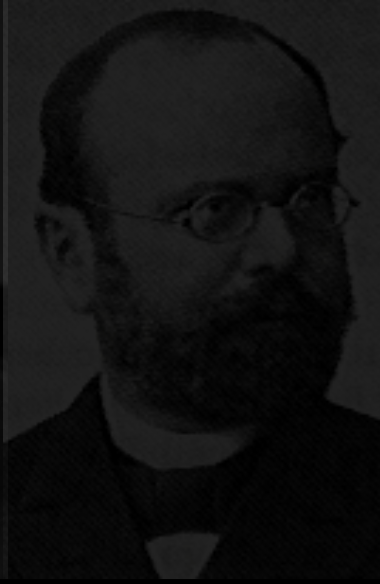
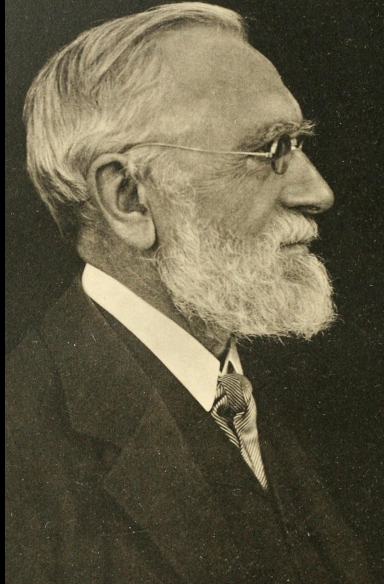


Hermann Osthoff  
(1847–1909)  
*em 1907*



Karl Brugmann  
(1849–1919)  
*em 1909*

Os “*Jovens Gramáticos*”



August Leskien “*Deklination im Slawisch-Litauischen und Germanischen*”, 1876  
(1840–1916)  
*em 1913*

August Leskien foi um dos mais influentes dos jovens linguistas do círculo de Leipzig. Originalmente um discípulo de A. Schleicher, formou-se em Jena em 1868, e em 1870, aos trinta anos, assumiu a cadeira de Slavística em Leipzig, que ocuparia até 1915. A partir de sua obra sobre os sistemas de declinação, de 1876, o princípio da regularidade das leis fonéticas começa a ser desenhado; em 1881, publicaria '*Die Quantitätsverhältnisse im Auslaut des Litauischen*', artigo que funda a chamada “Lei de Leskien” (redução vocálica em ditongos finais).





- “Aufsatz über Nasalis sonans in der indogermanischen Ursprache”, 1876    Karl Brugmann  
“Morphologische Untersuchungen...”, 1878    (1849–1919)  
“Zur Geschichte der Nominalsuffixe -as-, -jas-, und -vas”, 1879    *em 1909*  
“Zum heutigen Stand der Sprachwissenschaft”, 1885

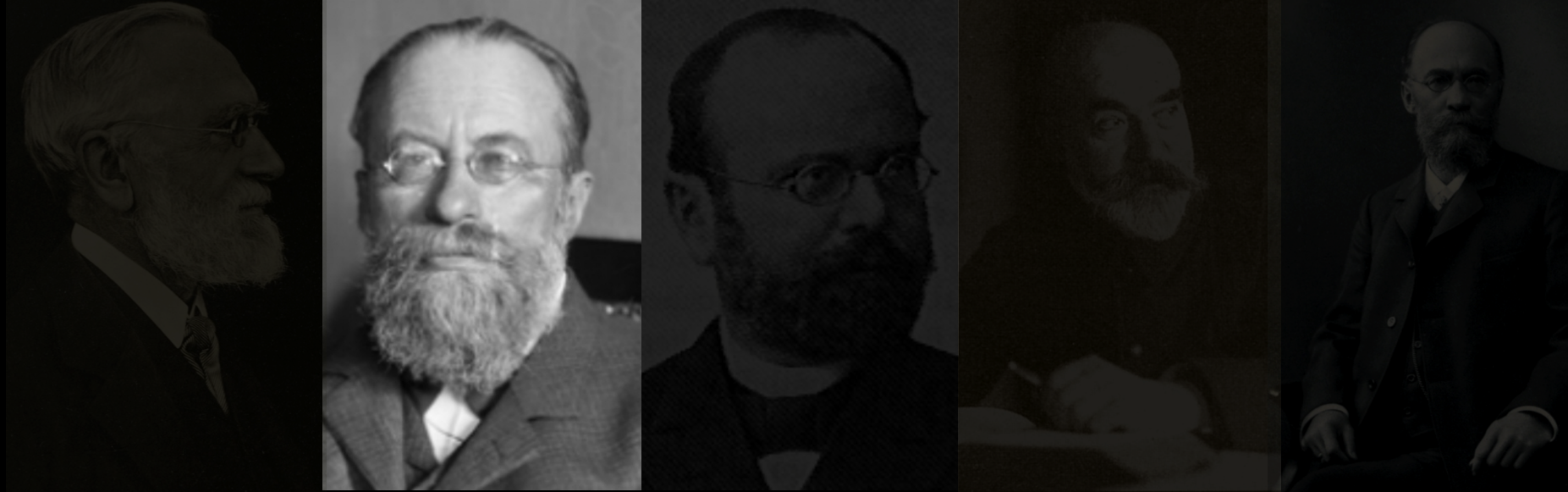
Indogermanista, é um dos fundadores da escola neogramática. Escreveu com H. Osthoff o seu assim chamado “Manifesto”, ou seja, o Prefácio a *Morphologische Untersuchung auf dem Gebiete der indogermanischen Sprache*. Em 1887, assumiria a cátedra de indogermânico em Leipzig. Além da obra com Osthoff, Schuchardt se refere também a um artigo de Brugmann publicado em 1879 sob o título *Zur Geschichte der Nominalsuffixe -as-, -jas-, und -vas-* (“História dos sufixos nominais -as-, -jas-, e -vas-”), na revista *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung* (“Revista de lingüística comparada”) – ou *Kuhn’s Zeitschrift* (a “revista de Kuhn”), periódico ativo ainda hoje, e disponível em <<http://www1.ku-eichstaett.de/SLF/EngluVglSW/HistSprF.htm>>.



“Morphologische Untersuchungen ...”, 1878  
“Das physiologische und psychologische Moment  
in der sprachlichen Formenbildung”, 1879

Hermann Osthoff  
(1847–1909)  
*em 1907*

É um dos fundadores da “escola neogramática”. Escreveu com Karl Brugmann o Prefácio a *Morphologische Untersuchungen...*, de 1878. Ficou conhecido como autor da “Lei de Osthoff”, que descreve a mudança das vogais longas no indoeuropeu. Além do Prefácio, Schuchardt refere-se também a *Das physiologische und psychologische Moment in der sprachlichen Formenbildung* (“As etapas psicológica e fisiológica na construção das formas lingüísticas”), obra de Osthoff que viria a ser considerada um dos mais importantes trabalhos da tendência neogramática no século XX. Há uma edição fac-similiar disponível: Hermann Osthoff, *Das physiologische und psychologische Moment in der sprachlichen Formenbildung*, Elibron Classics, 2007.



Berthold Delbrück “Enleitung in das Sprachstudium”, 1880  
(1842-1922)  
*em 1908*

Indoeuropeísta, foi professor na Universidade de Jena (onde também Schuchardt estudou), de 1870 a 1912. Sua *Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen* (“*Fundamentos de gramática comparada das línguas indo-europeias*”), publicada entre 1893 e 1900, será uma das mais importantes obras da lingüística oitocentista. Delbrück ficará conhecido, de fato, como o “pai da sintaxe histórico-comparada”. Schuchardt faz referência, no texto, a **Enleitung in das Sprachstudium** (“*Introdução aos estudos da linguagem*”), de 1880, outro clássico de Delbrück. Fac-símile eletrônico dessa edição: <http://www.archive.org/details/einleitungindas02delbgoog>.





Hermann Paul  
(1846-1921)  
*em ~ 1895*

“Prinzipien der Sprachgeschichte”,  
1881  
*(Princípios Fundamentais da História  
da Língua, C. Gulbenkian, 1966)*

Foi talvez o mais proeminente dos neogramáticos (embora não tenha pertencido ao grupo da primeira geração dos jovens de Leipzig). Sua obra **Prinzipien der Sprachgeschichte** (“Princípios de História da Língua”), publicada em **1881**, ganharia 11 reedições ao longo da vida do autor, e viria a representar o principal veículo de divulgação das teorias dos neogramáticos no século XX. Há uma excelente tradução portuguesa, por Maria Luisa Schemann: *Princípios fundamentais da história da língua* (Lisboa: Fundação C. Gulbenkian, 1966).



# Lista das publicações dos “neogramáticos” citadas e criticadas por Schuchardt

August Leskien (1840–1916):

*Deklination im Slawisch-Litauischen und Germanischen* (1876)

Karl Brugmann (1849–1919):

*Aufsatz über Nasalis sonans in der indogermanischen Ursprache* (1876)

*Zum heutigen Stand der Sprachwissenschaft* (1885)

Hermann Osthoff (1847–1909) & Karl Brugmann:

*Morphologische Untersuchungen auf dem Gebiete der indogermanischen Sprachen* (1878)

Hermann Osthoff:

*Das physiologische und psychologische Moment in der sprachlichen Formenbildung* (1879)

Berthold Delbrück (1842-1922)

*Einleitung in das Sprachstudium* (1880)

Hermann Paul (1846-1921):

*Prinzipien der Sprachgeschichte* (1880)

**Terence T. Wilbur** (1977):

“The period 1885-87 was certainly one of the most colorful and creative in the history of linguistic Science. At this time the entire community of linguistics came face to face with the most profound problems of its theory and practice”. [vii]

“To assert that historical linguistics as we know it today was established in the years 1875-1885 is no exaggeration. It is precisely the disputes of this decade that created the form of the science. (...) It is really astounding how very little almost a century of sophisticated work has changed the basic structure of the discipline either in practice or in its theoretical superstructure. No essential change has been introduced into the conceptualization of the basic problem”. [x]

O “Credo”,

ou,

*Zum Heutigen Stand der Sprachforschung,*

K. Brugmann, 1885

Excerto, em Wilbur (1972).

Excerto de *Zum Heutigen Stand der Sprachforschung*, K. Brugmann, 1885  
(Wilbur, 1972):

1. Since all linguistic development takes place in the psychic realm, sound change is a psychic process.
2. It is at the same time a physiological process inasmuch as the activity of the speech organs also comes into consideration
3. The movements by which sounds are produced are never precisely the same either in the case of the various individuals of the same community or even in the case of the same individual.
4. These variations are however so slight that they are not perceived as differences by the speaker or the hearer.
5. As a rule, between the beginning and the end of a development, eg. **k** and **h** of the first Germanic sound shift, there lies a continuous series of minimal shifts in articulation which one can designate as **k**, **k1**, **k2**, **k3**, **k4**, ..., **h**. And some individuals can have advanced several stages in the direction of the new sound while others still retain the old sound.



Excerpto de *Zum Heutigen Stand der Sprachforschung*, K. Brugmann, 1885  
(Wilbur, 1972):

6. The closer the circle of the speech community is drawn, that is, the smaller the number of speakers and the closer they live together, the smaller the differences are in the progress of the change.
7. All members of the community take part in the change, and even considering all differences in detail, the direction of the change is the same.
8. In the completion of the sound change, it is now inconceivable that different paths could be taken in different words.
9. Pronunciation is not acquired specially for every single word, but whenever the same phonetic conditions are present, there necessarily occurs the same kinetic feeling and with it the same pronunciation.
10. That is what one has to understand by the unexceptionability of the sound law.”

II. A Crítica à doutrina das  
leis fonéticas regulares e o  
“Princípio da irregularidade”

# 1. Crítica formal ao postulado

A formulação “As leis fonéticas operam sem exceção no interior de um mesmo dialeto e dentro de um mesmo período de tempo” obscurece o sentido do termo lei, e não explicita o sentido do termo exceção.

É como se afirmasse:

*“Guardadas as devidas exceções, as leis fonéticas operam sem exceção”.*



“ Na proposição: ‘*as leis fonéticas operam sem exceção*’, tanto o Sujeito como o Predicado suscitam objeções graves. ”

“As leis fonéticas operam sem exceção  
no interior de um mesmo dialeto e  
dentro de um mesmo período de tempo”.

## 1. Crítica formal ao postulado

“As **leis** fonéticas operam sem exceção  
no interior de um mesmo dialeto e  
dentro de um mesmo período de tempo”.

*Qual o conceito de “Lei”?*

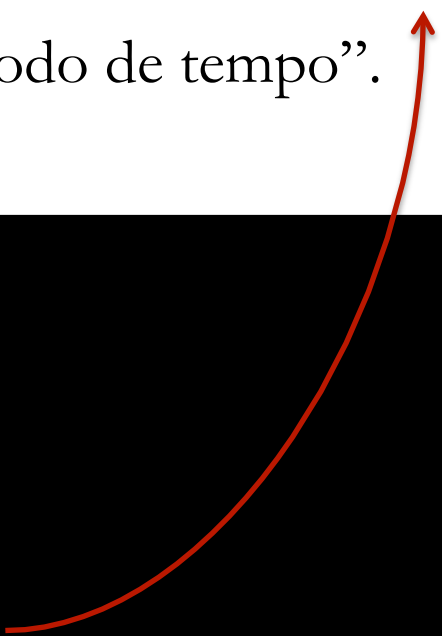
1. Crítica formal ao postulado

“As leis fonéticas operam **sem exceção**  
no interior de um mesmo dialeto e  
dentro de um mesmo período de tempo”.

*Qual o conceito de “exceção”?*

1. Crítica formal ao postulado

“As leis fonéticas operam sem exceção  
no interior de um **mesmo dialeto** e  
dentro de um mesmo período de tempo”.



*Qual o conceito de “dialeto”?*

1. Crítica formal ao postulado

“As leis fonéticas operam sem exceção  
no interior de um mesmo dialeto e  
dentro de um **mesmo período** de tempo”.

*De que modo é recortado esse período?*

1. Crítica formal ao postulado



## 2. Analogia não é anomalia

[p. 32 a 37]

A oposição fisiológico=regular / psicológico=irregular forma o primeiro eixo da crítica. O funcionamento por associação conceitual é próprio do funcionamento da língua, e não pode ser abstraído como “exceção”.

## 2. Analogia não é anomalia

“ O termo “Exceção” expressa uma relação claramente externa, não contendo em si qualquer referência às forças em funcionamento: estabeleceu-se aí uma oposição indevida entre exceções aparentes e exceções reais – tanto no geral, como no caso em pauta. As exceções a serem observadas quanto ao funcionamento das “leis sem exceção” são três: o conflito com outras leis fonéticas; a mistura dialetal; o efeito de associações conceituais. O primeiro desses três fatores não requer nossa consideração detida nesta discussão; o segundo será investigado quando discutirmos as limitações geográficas que atuam sobre as leis fonéticas; o terceiro merece ser discutido imediatamente, uma vez que ocupa lugar de destaque nos estudos dos neogramáticos.

”

“ O termo “Exceção” expressa uma relação claramente externa, não contendo em si qualquer referência às forças em funcionamento: estabeleceu-se aí uma oposição indevida entre exceções aparentes e exceções reais – tanto no geral, como no caso em pauta. As exceções a serem observadas quanto ao funcionamento das “leis sem exceção” são três: o conflito com outras leis fonéticas; a mistura dialetal; o efeito de associações conceituais. O primeiro desses três fatores não requer nossa consideração detida nesta discussão; o segundo será investigado quando discutirmos as limitações geográficas que atuam sobre as leis fonéticas; o terceiro merece ser discutido imediatamente, uma vez que ocupa lugar de destaque nos estudos dos neogramáticos.

”

“As associações conceituais tem sido apontadas como a antítese da regularidade das leis fonéticas, tomando o papel do fator “psicológico” que se oporia ao fator “fisiológico”. A questão da correspondência e da relação hierárquica entre esses dois fatores já foi levantada por Tobler, que com grande elegância demonstrou a dificuldade em resolver o problema. Há de um lado a possibilidade de uma relação subordinada: assim, um dos fatores constituiria a condição constitutiva ou normal, e o outro, o elemento perturbador ou anômalo – nesse último caso se encaixaria o fator psicológico.

”

“As associações conceituais tem sido apontadas como a antítese da regularidade das leis fonéticas, tomando o papel do fator “psicológico” que se oporia ao fator “fisiológico”. A questão da correspondência e da relação hierárquica entre esses dois fatores já foi levantada por Tobler, que com grande elegância demonstrou a dificuldade em resolver o problema. Há de um lado a possibilidade de uma relação subordinada: assim, **um dos fatores constituiria a condição constitutiva ou normal, e o outro, o elemento perturbador ou anômalo** – nesse último caso se encaixaria o fator psicológico.

”



“ ( Em espanhol e em português modernos, todos os antigos participios terminados em *-udo* terminam em *-ido*: não poderia ter acontecido de um ou outro termo ter conservado a terminação *-udo* por razões puramente fonológicas – por exemplo, em *sabudo*, pela proximidade entre b e d? E não teriam tais causas “mecânicas” de fato retardado o curso do desenvolvimento da mudança? Para casos dessa natureza, formulam-se cláusulas especiais que admitem a possibilidade da atuação do imprevisível na ordem natural dos processos. ) ”

“ Assim, somos levados a concluir que a regularidade é inerente ao fator psicológico tanto quanto ao fisiológico – ou seja, somos obrigados a tomá-los como relacionados entre si. Os perímetros das esferas de influência de cada um apresentam intersecções em diversos pontos, e a sobreposição de uma esfera em relação à outra depende das circunstâncias imediatas de cada caso particular. Assim, algo está faltando para a solução completa do problema.

”

“ Já afirmei em outras ocasiões que as leis fonéticas passíveis de perturbação por ação da analogia são de fato psicologicamente condicionadas. Isso se confirma pelo fato de que entre as ocorrências das duas categorias não há lacunas, só gradações.

Pode-se ilustrá-lo, por exemplo, pela seguinte sequência de desenvolvimentos românicos: *conte* = *comite*, *dunque* = *nunc*, *treatro* = *teatro*, *egfino amano* = *egli amano*, *non griève ma lieve* = *non grave magis leve*:

anteciparam-se representações sonoras imediatamente seguintes, mas também mais distantes. Em boa medida, tais formações analógicas fundam-se não em justaposições ideais de palavras, mas sim em justaposições reais – e assim podemos considerá-las como assimilações de ordem superior.

“ Por outro lado, nos fenômenos em que não há nenhuma relação conceitual em jogo, podemos levantar a hipótese de justaposições ideais (...). Nesses casos, a frequência de certos complexos de sons favorece novas formações de complexos idênticos, e a frequência de uma certa mudança fonética leva a mudanças mais gerais. Já expressei há alguns anos a idéia de que a mudança do *e*, *o* do latim vulgar para *ie*, *uo* no italiano (e no romance em geral) foi condicionada originalmente por um *i* ou *u* subsequente, tal como se pode ver ainda hoje em alguns dialetos: *vieni*, *buonu*, *buoni*. Inicialmente a extensão teria se dado por analogia conceitual: *viene*, *buona*, até chegar-se a um ponto em que esse apoio se tornou desnecessário: *pietra*, *ruota*. ”

### 3. O problema da expansão “externa”

[p. 38 a 47]

A relatividade espacial e temporal das “leis” são o segundo eixo da crítica. As condições históricas não podem ser ‘suspensas’ ou abstraídas. É próprio das línguas serem históricas: uma teoria sobre a linguagem que pretenda abstrair os fatores tempo e espaço não serve como teoria de linguagem.

### 3. O problema da expansão “externa”

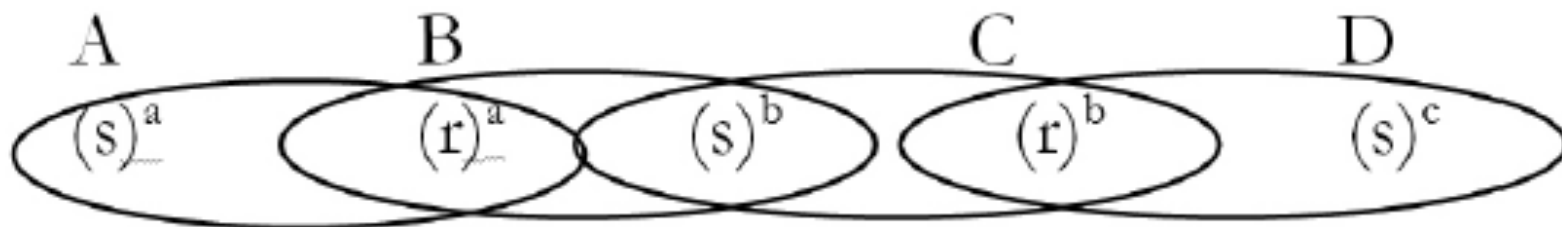
[p. 38 a 47]



“ Ao ouvir falar na idéia de leis fonéticas que funcionam sem exceção, um cientista natural provavelmente imaginará que as leis fonéticas se aplicam em todo lugar e em todo momento. De fato, se levarmos em conta as condições básicas uniformes da atividade linguística, tais leis não apenas seriam possíveis, como esperadas. Por que então a mudança fonética, ao menos em sua maior parte, não segue sempre a mesma direção – de tal modo que, por exemplo, vogais médias evoluíssem sempre a partir de tenuis ou monotongos sempre de ditongos, e nunca o contrário? Se aquele ingênuo cientista é informado em seguida de que leis fonéticas gerais dessa natureza nunca foram encontradas – e que, na realidade, faz-se necessário impor limites espaciais e temporais bastante estreitos a todas as assim chamadas leis fonéticas, ele concluirá que a essas leis falta a necessidade absoluta que deveria ser o pressuposto para a postulação de “leis gerais”.

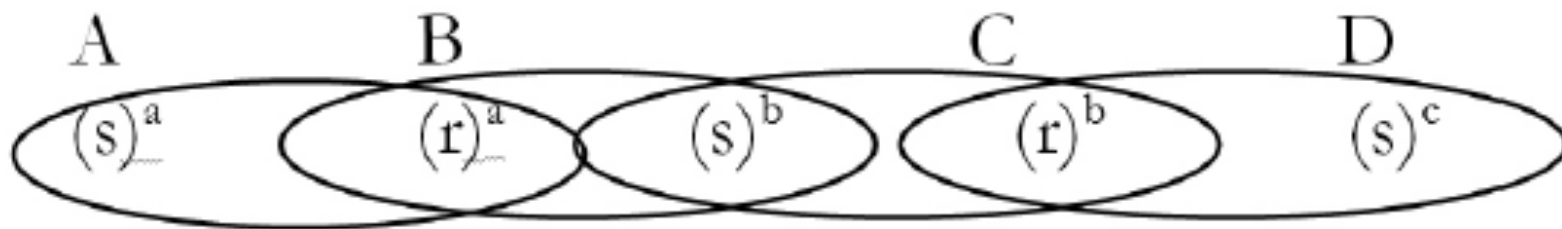
”

“ A relatividade espacial e temporal das leis fonéticas não é nada simples: trata-se, na realidade, de uma relatividade bastante complexa. Se, por exemplo, no interior de duas áreas delimitadas A e B a lei (r)<sup>a</sup> predomina; no interior de C e D a lei (r)<sup>b</sup> e além disso, no interior de A (s)<sup>a</sup> no interior de B e C (s)<sup>b</sup> no interior de D (s)<sup>c</sup> – os limites das leis fonéticas para os dois elementos distintos não contém simplesmente um ao outro: eles se intersectam.



”

“ A relatividade espacial e temporal das leis fonéticas não é nada simples: trata-se, na realidade, de uma relatividade bastante complexa. Se, por exemplo, no interior de duas áreas delimitadas A e B a lei (r)<sup>a</sup> predomina; no interior de C e D a lei (r)<sup>b</sup> e além disso, no interior de A (s)<sup>a</sup> no interior de B e C (s)<sup>b</sup> no interior de D (s)<sup>c</sup> – os limites das leis fonéticas para os dois elementos distintos não contém simplesmente um ao outro: eles se intersectam.



A relação entre as leis fonéticas e sua expansão externa é tipicamente variável e fortuita. Este é o ponto mais fraco da proposta dos neogramáticos; é neste flanco que eles têm sido atacados com maior vigor, e é aqui que sua defesa se transforma numa lenta retirada geral.

”

“ Na expressão “*no interior de um mesmo dialeto*” esconde-se uma obscuridade: não sabemos se devemos entendê-la *a priori* ou *a posteriori* – i.e., se devemos entender, “no dialeto de Nápoles, no dialeto de Roma, no dialeto de Florença – etc – o *k* latino se torna *c* antes de *e* e *i*”, ou “ $c = k^{e,i}$  predomina na fala da porção central e meridional da Itália”. A frase conectada a esta – “... *em um mesmo período*” – favorece a última interpretação; mas questões de princípio favorecem a primeira.

Estamos, de fato, condicionados a compreender “dialeto” como uma comunidade de fala completamente homogênea. Mas existirá de fato tal coisa?

”

Já tive a oportunidade de dizer que eu pressuponho a mistura linguística mesmo no mais homogêneo dos grupos de falantes. Paul, ao contrário, só a admite no caso da mistura étnica, que ele considera ser algo de extremamente excepcional. Devo rechaçar esta última noção. [...] De outro lado, observemos que o único caso em que Paul admite a mistura linguística – o caso em que “*em consequência de causas históricas especiais, grandes grupos de pessoas são arrancadas de seus lares e lançadas ao convívio com estranhos*”, está longe de ser excepcional. Do momento original de surgimento da nação romana até a formação das nações de fala românica, o que vemos é uma série quase ininterrupta de misturas das mais variadas formas, um fato central para a consideração não apenas das gramáticas românicas, como também da gramática latina.

## 4. O problema da expansão interna

[p. 48 a 61]

Ainda que fosse aceitável a abstração da historicidade, o postulado da regularidade não se sustenta dentro de suas próprias premissas, pois não consegue explicar como as mudanças se propagam internamente. São inaceitáveis os postulados da igualdade de condições fonéticas e dos estágios de transição.

É nesta parte do texto que se apresentam as ideias da mudança esporádica e da metamorfose das leis.

“ No interior de limites temporais que só podem ser definidos *a posteriori*, uma lei fonética opera até completar-se, atingindo a totalidade do grupo de falantes, e afetando toda a extensão do contexto linguístico em questão. Já discuti acima o ponto relativo aos grupos de falantes; em seguida passo a questionar a validade do segundo ponto. Antes, porém, cabe um comentário acerca dos estados de transição. Na tentativa de dificultar o questionamento desses dois pontos, já se propôs que o princípio da regularidade do funcionamento das leis fonéticas seja tomado por suspenso em estágios de transição. Isso é inaceitável. Todo e qualquer estágio de uma língua é um estágio de transição; não existe um período mais normal que outro; e o que vale para um estágio, deve valer para todos. Não posso conceber a língua como a combinação de pedaços de leis fonéticas completas e incompletas. Isso equivale a elevar noções teleológicas ao estatuto de ciência.

”



“ De minha parte, quando falo em “períodos de transição”, faço-o num sentido relativo, tomando o período em questão com relação a fatos posteriores e bem estabelecidos; não temos o direito de designar fatos correntes como “estágios de transição”. Mesmo aqueles que considerem a disputa entre os neogramáticos e a de seus oponentes quanto ao problema da expansão externa da mudança como uma questão mais terminológica que teórica não poderão negar a diferença factual entre os dois pontos de vista no que remete ao problema da expansão interna, de que agora trato.

”

“Nos casos de mudança fonética em um mesmo dialeto, todos os casos particulares nos quais se apresentem as mesmas condições fonéticas o processo de mudança será idêntico”. Entretanto, se tomarmos todos os casos em que um som aparece, e perguntarmos quais dentre eles apresentam as mesmas condições fonéticas (e que portanto, deveriam sofrer processo de mudança idêntico – mudança para um outro som único, ou mudança nenhuma), não encontraremos uma resposta. Como são muitas as categorias de ambientes fonéticos relevantes – tais como acento, posição na sílaba, natureza do som imediatamente precedente ou imediatamente seguinte ou não-imediatamente seguinte, etc. – para cada caso particular, evidencia-se um agrupamento complexo de condições.

”

Confrontemos agora essas “leis fonéticas” nebulosas com casos cristalinos de “mudanças fonéticas esporádicas”. No português moderno, o *a* acentuado tornou-se *o* em apenas um caso: *fame* = *fome*; no geral, apenas o *a* não-acentuado sofre a influência de uma labial precedente ou subsequente (como por exemplo no português coloquial *fanforrice*, *charomela*; cf. Jules Cornu, p. 340). Entretanto, a influência combinada de uma labial precedente e de uma labial subsequente foi forte o bastante para assimilar um *a* acentuado – mas apenas nesta única palavra de uso extremamente frequente (e não, por exemplo, em *fava*; nem, por conta da reduplicação, em *mama*). Um neogramático certamente lançaria mão da analogia com *fomentar* ou *fomite*, antes de admitir esse caso simples de mudança esporádica.

Surge agora a questão: as condições fonéticas, como quer que sejam, permanecem constantes ao longo de um determinado período de tempo? Pareceria interessante nos ocuparmos dessa pergunta neste momento, usando para isso um exemplo concreto. No francês moderno, o *e* (aberto ou fechado, ponto aqui irrelevante) em *chef, fève, pré, tel, mer, nez, ème, lène* = *caput, faba, prato, tale, mare, naso, amat, lana*, corresponde ao *a* longo do latim vulgar gaélico (*a* longo e *a* breve do latim clássico antes de consoante simples). Note-se que a consoante subsequente em cada caso parece não fazer diferença. Mas não era este o caso no francês antigo, e este fato ainda se reflete na ortografia moderna: *chef*, etc., mas *áime, láine*. Ora, se o *a* longo antes de *m* e *n* tornou-se *e* passando pelo estágio *ai*, o mesmo não poderia ter se aplicado ao *a* antes das outras consoantes? E se a pronúncia original tiver sido *chaiſ, faive, tail, mair*, é concebível que num período mais recente tenham ocorrido *chaiſ, faive, tel, mer*.

“ ... Assim, diferentes estágios de condições fonéticas estiveram presentes na monotongação do *ai* que se desenvolveu do *a* longo. Ou é assim, ou temos que pressupor leis fonéticas distintas em atuação. Em qualquer hipótese, há uma diferença oculta na semelhança atual. Se a lei fonética for formulada a partir de duas séries de formas fonéticas separadas entre si por um período de tempo longo e opaco, que garantia temos de que a situação não seja a mesma também para esta lei fonética? ”

“ ... Basta considerarmos qualquer grupo particular de dialetos aparentados: veremos como as condições ambientais das leis fonéticas mudam de um lugar para outro. Poderemos, com efeito, observar a projeção espacial das diferenças temporais. Os princípios da continuidade e da identidade são inconciliáveis com a pressuposição de uma série de leis isoladas. ”

“ ... De que modo isto se reflete sobre o problema da regularidade das leis fonéticas? Se as diferenças entre duas condições ambientais são na realidade apenas variantes espaço-temporais de uma mesma condição, não poderíamos considerar uma das duas como sendo o caso excepcional, e a outra como o caso normal esperado, a depender do ponto de vista? A expansão interna das leis fonéticas pode ser facilmente compreendida se aceitarmos a analogia fonética, um ponto pelo qual já passamos mais acima, quando abordei o problema do dualismo na vida das línguas, e illustrei com exemplos como uma mudança fonética esporádica pode se tornar incondicional.

”

“ ... De que modo isto se reflete sobre o problema da regularidade das leis fonéticas? Se as diferenças entre duas condições ambientais são na realidade apenas variantes espaço-temporais de uma mesma condição, não poderíamos considerar uma das duas como sendo o caso excepcional, e a outra como o caso normal esperado, a depender do ponto de vista? A expansão interna das leis fonéticas pode ser facilmente compreendida se aceitarmos a analogia fonética, um ponto pelo qual já passamos mais acima, quando abordei o problema do dualismo na vida das línguas, e illustrei com exemplos **como uma mudança fonética esporádica pode se tornar incondicional.**

”



“ ... Assim, o afastamento das restrições iniciais em relação às restrições finais colocadas sobre uma mudança não deve nos surpreender: devemos nos lembrar que as analogias conceituais também podem chegar a apresentar efeitos de grande extensão, mesmo que também se originem em porções muito limitadas da língua. Na história dos participios das línguas românicas encontram-se evidências especialmente ilustrativas neste sentido. Eu de fato não excluo a possibilidade de que uma lei fonética completa pudesse se desenvolver a partir de uma única troca de sons originada de analogia fonética.

”

... Com isso não quero dizer que a condição ambiental original causadora da primeira mudança teria se espalhado simultaneamente em todas as direções por obra da analogia fonética; de modo algum. Uma mudança fonética pode progredir em passos hesitantes de um ambiente para outro, por exemplo, juntando forças com outra mudança fonética (é o caso da mudança de  $-ol-$  =  $-al-$  em conjunção com  $-or-$  =  $-ol-$  levando a  $-or-$  =  $-ar-$ ). Em Gröbers Zeitschrift V (1881, p. 319) eu sustentei que em todos os casos de mudança de  $s$  para  $h$ , em qualquer posição, o enfraquecimento deve ter ocorrido primeiro como um enfraquecimento combinatório. Assim, a ponte entre  $h = s$  intervocálico e  $h = s$  em início de sílaba pode ser observada em  $h = s$  depois de sílabas com vogal final ( $-aha-$  :  $-a ha-$  :  $-t ha-$ , onde a generalização vai de sonoro a surdo, enquanto na lei de ensurdecimento mencionada anteriormente a direção era oposta).

”

“ Neste momento não poderei expor com vagar esta metamorfose das leis fonéticas, que me parece não ter ainda servido como objeto de uma discussão mais ampla; mas ressalto enfaticamente sua importância. E até mesmo no reino das mudanças fonéticas “mecânicas” – empresto aqui a terminologia dos neogramáticos – encontro fatos que não me parecem constituir processos simplórios empacotáveis em fórmulas rígidas. ”

“ Neste momento não poderei expor com vagar esta **metamorfose das leis fonéticas**, que me parece não ter ainda servido como objeto de uma discussão mais ampla; mas ressalto enfaticamente sua importância. E até mesmo no reino das mudanças fonéticas “mecânicas” – empresto aqui a terminologia dos neogramáticos – encontro fatos que não me parecem constituir processos simplórios empacotáveis em fórmulas rígidas. ”

“ Neste momento não poderei expor com vagar esta metamorfose das leis fonéticas, que me parece não ter ainda servido como objeto de uma discussão mais ampla; mas ressalto enfaticamente sua importância. E até mesmo no reino das mudanças fonéticas “mecânicas” – empresto aqui a terminologia dos neogramáticos – encontro fatos que não me parecem constituir processos simplórios empacotáveis em fórmulas rígidas.

Vejo lá o jogo colorido dos infindáveis impulsos dentre os quais alguns elementos particulares sobressaem-se em contornos mais vívidos que outros.

”

“ Neste momento não poderei expor com vagar esta metamorfose das leis fonéticas, que me parece não ter ainda servido como objeto de uma discussão mais ampla; mas ressalto enfaticamente sua importância. E até mesmo no reino das mudanças fonéticas “mecânicas” – empresto aqui a terminologia dos neogramáticos – encontro fatos que não me parecem constituir processos simplórios empacotáveis em fórmulas rígidas.

Vejo lá o jogo colorido dos infindáveis impulsos dentre os quais alguns elementos particulares sobressaem-se em contornos mais vívidos que outros.

”

“ Se de um lado os neogramáticos enxergam na igualdade de condições fonéticas (coisa que para mim simplesmente não existe) um fator diretamente determinante para a regularidade das leis fonéticas, de outro lado mostram-se cegos ao fator mais imediatamente visível da diferença entre as palavras. “*Ao completarem-se as mudanças fonéticas, é inteiramente inconcebível que caminhos diferentes se apliquem a palavras diferentes*” (Brugmann, 1885, p. 51). (...) Na minha opinião, tal afirmação é um erro, ao menos na formulação absoluta em que é oferecida. (...) Ora, a mudança fonética, ou o caminho de uma mudança numa determinada direção, consiste fundamentalmente na soma de inúmeros deslocamentos microscópicos (desconsiderando-se, naturalmente, o efeito inevitável das mudanças puramente fisiológicas). A mudança, portanto, depende do número de repetições. ...

”

“ ... A frequência de uso das palavras, cujo papel nos mecanismos de analogia é tão proeminente, tem também grande importância na transformação fonética; não falo do âmbito das diferenças sutis, mas sim das significativas. As palavras menos usadas são as retardatárias na trajetória da mudança, ao passo que as palavras mais usadas tomam a dianteira do caminho. Em ambos os grupos podemos observar exceções às leis fonéticas. ”



Conclusão

[p. 61 a 73]

“ Levando-se em conta tudo o que discutimos até este ponto, vemos que a doutrina da regularidade das leis fonéticas não pode ser demonstrada pelo método dedutivo – assim como não o podia ser pelo indutivo, como de início mencionamos. Seus seguidores só podem segui-la como a um dogma. ”

“ Em qualquer categoria de fenômenos, a interconexão regular apresenta-se nas mais variadas gradações, a depender da maior ou menor complexidade dos fenômenos – da força do acaso num jogo de azar à ordem fixa do universo mecânico. Em qualquer área que se escolha, uma breve pesquisa inicial já nos indicará as regularidades que poderemos vir a esperar: assim é que o jogador que persiga a sorte por meio da precisão matemática não estará de acordo com as verdadeiras regras do jogo. Da mesma forma, parece-me francamente notável que, diante da clareza com que se revelam os fundamentos psíquicos da mudança fonética, a natureza social da linguagem, e as fronteiras difusas dos limites espaciais e temporais de uma língua, a regularidade absoluta das leis fonéticas possa ser defendida por alguém. Nas palavras de **Merlo**, os neogramáticos confundiram “o conceito simples de Lei com o conceito complexo dos efeitos produzidos pela combinação de leis variadas que operam simultaneamente e em conjunto”.

”

“ Em qualquer categoria de fenômenos, a interconexão regular apresenta-se nas mais variadas gradações, a depender da maior ou menor complexidade dos fenômenos – da força do acaso num jogo de azar à ordem fixa do universo mecânico. Em qualquer área que se escolha, uma breve pesquisa inicial já nos indicará as regularidades que poderemos vir a esperar: assim é que o jogador que persiga a sorte por meio da precisão matemática não estará de acordo com as verdadeiras regras do jogo. Da mesma forma, parece-me francamente notável que, diante da clareza com que se **revelam os fundamentos psíquicos da mudança fonética, a natureza social da linguagem, e as fronteiras difusas dos limites espaciais e temporais de uma língua**, a regularidade absoluta das leis fonéticas possa ser defendida por alguém. Nas palavras de **Merlo**, os neogramáticos confundiram “*o conceito simples de Lei com o conceito complexo dos efeitos produzidos pela combinação de leis variadas que operam simultaneamente e em conjunto*”.

”

“ Os erros formais dos neogramáticos me impedem de confrontar sua doutrina com as minhas idéias sobre os mesmos assuntos sob a forma de uma formulação contraditória, como seria o correto.

Assim, não proporei que “*As leis fonéticas têm exceções*”. Entretanto, se mudarmos a proposição para “*Não existem mudanças fonéticas esporádicas*”, então posso me contrapor a ela de modo positivo: “*Mudanças fonéticas esporádicas existem*”.

”

“ Eu daria até um passo além: se eu fosse obrigado a incluir as noções de “regularidade” e “ausência de exceção” no meu credo, eu remeteria essas noções justamente à atuação da mudança fonética esporádica, e não à atuação de leis regulares – no sentido de que toda mudança fonética, em algum ponto, é irregular. ”

“ Eu daria até um passo além: se eu fosse obrigado a incluir as noções de “regularidade” e “ausência de exceção” no meu credo, eu remeteria essas noções justamente à atuação da mudança fonética esporádica, e não à atuação de leis regulares – no sentido de que **toda mudança fonética, em algum ponto, é irregular.** ”

“ Há entretanto quem defenda que a doutrina da infalibilidade trouxe um maior ‘rigor científico’ à pesquisa linguística. Defendem-no porque partem de uma premissa muito generalizada, mas fundamentalmente falsa. ”



“ Há entretanto quem defenda que a doutrina da infalibilidade trouxe um maior ‘rigor científico’ à pesquisa linguística. Defendem-no porque partem de uma premissa muito generalizada, mas fundamentalmente falsa. O rigor deve ser inculcado aos sujeitos, não aos objetos. O rigor não reside na estipulação de uma nova lei, mais severa; mas sim na observação mais severa daquela antiga lei sem a qual não há ciência, mas que por si só basta para que haja ciência: a lei da causa e efeito. O maior rigor na observação dessa lei emana diretamente do progresso consistente da atividade científica. ”

“ Há entretanto quem defenda que a doutrina da infalibilidade trouxe um maior ‘rigor científico’ à pesquisa linguística. Defendem-no porque partem de uma premissa muito generalizada, mas fundamentalmente falsa. **O rigor deve ser inculcado aos sujeitos, não aos objetos.** O rigor não reside na estipulação de uma nova lei, mais severa; mas sim na observação mais severa daquela antiga lei sem a qual não há ciência, mas que por si só basta para que haja ciência: a lei da causa e efeito. O maior rigor na observação dessa lei emana diretamente do progresso consistente da atividade científica. ”

“ Na minha visão, a doutrina da regularidade das leis da mudança não passa de um obstáculo que se ergue no meio do caminho do desenvolvimento da nossa ciência, e dificulta sua chegada à lei da causalidade. As leis fonéticas têm sido tão incensadas, que o desejo de transcendê-las está hoje mais fraco do que estaria tivessem elas sido apresentadas, simplesmente, como regularidades gerais. E no entanto, elas não passam disso: leis empíricas que (tal como salienta o próprio Wundt) ainda precisam ser transformadas em leis de causalidade. ”

“ A grande popularidade da doutrina dos neogramáticos não pode ser contada entre os argumentos em seu favor. Poucos a adotam por terem chegado de modo independente às conclusões que ela advoga, ou mesmo por terem-na colocado à prova de modo conclusivo. A grande maioria a adota por conta do alento metodológico que ela fornece. Trata-se de uma doutrina que se encaixa muito confortavelmente na receita que se espera que uma ciência respeitável siga hoje em dia. Falamos aqui daquilo que W. Scherer denominou, com muita propriedade, a “mecanização dos métodos”: a mecanização reduz a demanda de pensamento independente ao mínimo possível, e assim possibilita que um número inacreditável de indivíduos medíocres sintam-se parte do ‘mundo da ciência’.

”

“ O que acontece é que os neogramáticos oferecem de público não apenas um preceito: mas sim, um preceito travestido de fato, ou melhor, travestido de um fato que característico do todo da vida das línguas. Por exemplo: que diferença faz se o termo romance *andare* vem de *adnare* ou *addare* ou *ambulare* ou de uma raiz verbal celta; se, em tal dialeto, l torna-se r, e naquele outro, r torna-se l, etc.? O que significam as mil correspondências etimológicas e morfológicas, as mil leis fonéticas – se pudessem todas permanecer isoladas, se não forem absorvidas por relações superiores? Servem em parte, e só como elementos auxiliares, para esclarecer a história das migrações e das relações entre as culturas. Mas para isso, precisariam antes estar estabelecidas no campo particular da própria ciência. Precisamos aprender a encontrar a regra geral no detalhe particular. Da mesma forma, o reconhecimento de um fato dominante em relação ao toda da vida linguística é muito mais importante que a distinção de fenômenos linguísticos específicos.

”

Os linguistas, na verdade, deveriam seguir de perto o exemplo dos cientistas naturais, e lançar-se com boa frequência a caminhadas pelo mundo, dedicando-se à exploração eventual deste ou de outro fenômeno. Se o fizessem, poderiam começar a lançar luzes sobre diversos fatos particulares – mas, sobretudo: sobre as **leis gerais**. Se (como quer Brugmann) a comparação entre línguas não-aparentadas assim produzida terminasse por beneficiar apenas a teoria linguística geral... ora, esse fato, por si só, confirmaria seu mais elevado valor! Pois, claro, a delimitação que costumamos traçar entre as ciências linguísticas particulares e a teoria linguística geral me parece ser a menos justificada de todas as nossas injustificadas delimitações. Cada uma dessas ciências está imersa na ciência linguística geral. Cada uma delas precisa ser absorvida a ela, e em maior grau: quanto mais o seu teor científico se elevar, tanto mais elas poderão se libertar de tudo o que é empírico e fortuito.

“ Não podemos perder de vista as verdades gerais, nem no mais erudito dos estudos particulares. Temos que nos embeber da ciência para transcendê-la. Temos que servir a ciência com o propósito único de domá-la.

”

## *Resumindo...*

A questão teórica principal esboçada na crítica de Schuchardt é: “*De onde vem as regras?*”. Sua resposta se constrói de modo a compreender, de fato, como *mudanças esporádicas* podem se transformar em regras. Dois aspectos se destacam nesse percurso de Schuchardt: primeiro, sua preocupação com a relação de causa e efeito – com a “lei da causalidade”, essa sim a maior de todas as leis da ciência para o autor; segundo, a inclusão do espontâneo, do imprevisível, no funcionamento da língua – no funcionamento **regular** da língua.



## Resumindo...

É a inclusão do espontâneo que explica a afirmação de Schuchardt: “*toda mudança fonética, em algum ponto, é irregular*”. Na visão de Schuchardt, a mudança fonética começa sempre como um evento “esporádico” (“*sporadische*” – termo que se contrapõe no texto a *regular*), se espalha pelo tecido da língua por meio de associações e generalizações, e **se torna uma regra.**

*Resumindo...*

O ponto em que a mudança é “irregular”, portanto, é tipicamente seu início; e o que uma teoria de mudança precisa entender é a **constância desse surgimento de irregularidades no funcionamento das línguas.**

# III. Repercussão

1. Recepção a  
*‘Contra os Neogramáticos’*

**Terence T. Wilbur (1972):**

“The essay *Against the Neogrammarians* was written in the year 1885, the year of the great polemics when the linguistic artillery at German universities delivered salvos at each other. The cause of the battle was the so-called neogrammarian principle; its geographical center was Leipzig. (...)” [83]

“The Leipzig colleagues formed a small, closely knit, an exclusive in-group. Their linguistic controversy had the form and substance of a family quarrel. Their pride did not permit them to take Schuchardt seriously, for their opinions had very early congealed into opinionatedness”. [103]

**Terence T. Wilbur (1972):**

“The essay *Against the Neogrammarians* was written in the year 1885, the year of the great polemics when the linguistic artillery at German universities delivered salvos at each other. The cause of the battle was the so-called neogrammarian principle; its geographical center was Leipzig. (...)” [83]

“The Leipzig colleagues formed a small, closely knit, an exclusive in-group. Their linguistic controversy had the form and substance of a family quarrel. Their pride did not permit them to take Schuchardt seriously, for their opinions had very early congealed into opinionatedness”. [103]

[Hugo Schuchardt] took it upon himself to wage the battle with an entirely different tactic. It turned out that the linguistic world was too impressed with the success of the neogrammarian school to give too much heed to what it obviously regarded as mere sniping on the part of Schuchardt. **Schuchardt’s bull’s-eyes were coldly ignored**”. [84]

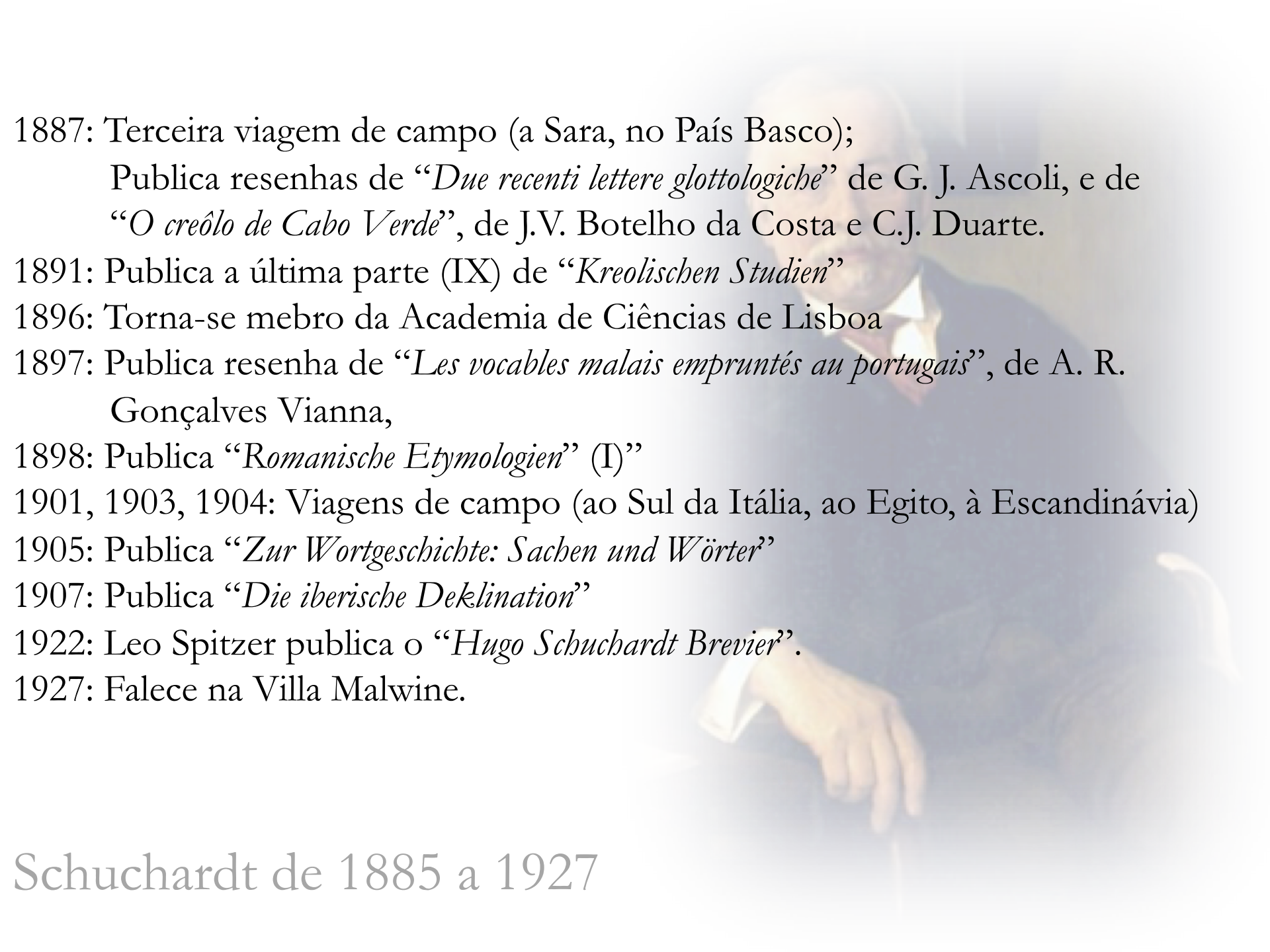
## 2. Schuchardt depuis de 1885



Schuchardt de 1885 a 1927

*Hugo Schuchardt Archiv - 1914*



- 
- 1887: Terceira viagem de campo (a Sara, no País Basco);  
Publica resenhas de “*Due recenti lettere glottologiche*” de G. J. Ascoli, e de  
“*O creólo de Cabo Verde*”, de J.V. Botelho da Costa e C.J. Duarte.
- 1891: Publica a última parte (IX) de “*Kreolischen Studien*”
- 1896: Torna-se membro da Academia de Ciências de Lisboa
- 1897: Publica resenha de “*Les vocables malais empruntés au portugais*”, de A. R.  
Gonçalves Vianna,
- 1898: Publica “*Romanische Etymologien*” (I)”
- 1901, 1903, 1904: Viagens de campo (ao Sul da Itália, ao Egito, à Escandinávia)
- 1905: Publica “*Zur Wortgeschichte: Sachen und Wörter*”
- 1907: Publica “*Die iberische Deklination*”
- 1922: Leo Spitzer publica o “*Hugo Schuchardt Brevier*”.
- 1927: Falece na Villa Malwine.

Schuchardt de 1885 a 1927

### 3. Alguns elementos prenunciados em *Gegen die Junggrammatiker*

Na crítica de Schuchard à infalibilidade das leis fonéticas, podemos vislumbrar dois dos eixos fundamentais da sua própria visão sobre a linguagem que seriam exploradas em trabalhos futuros:

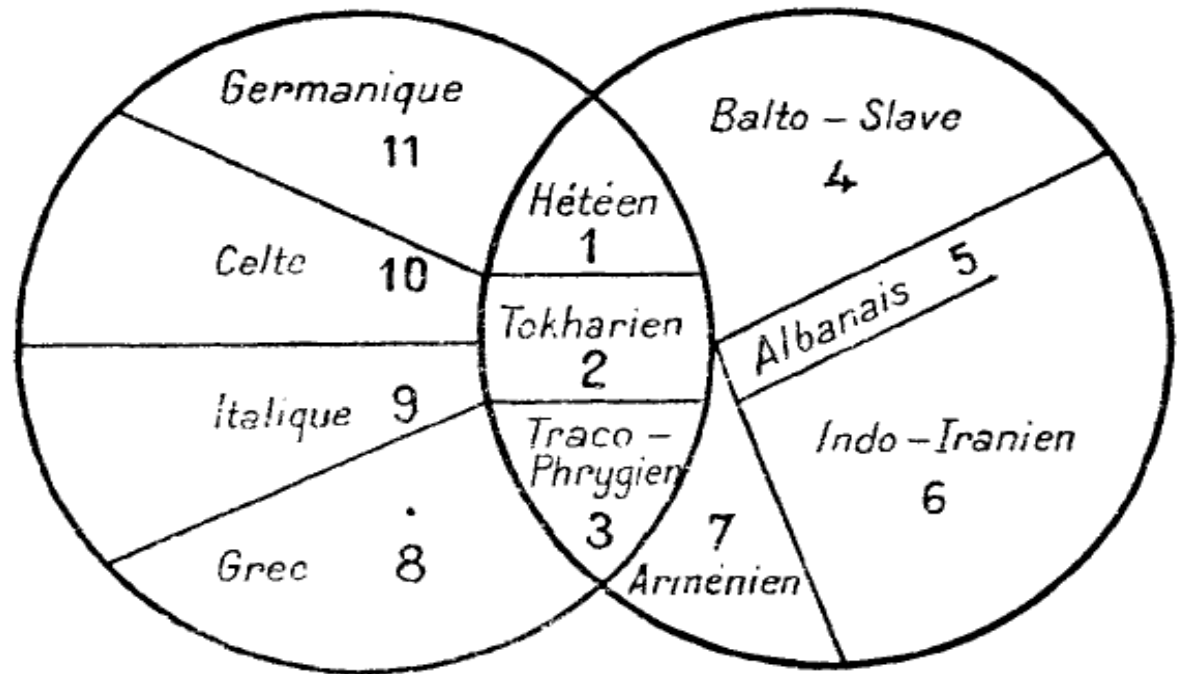
- a natureza social da linguagem,
- as fronteiras difusas dos limites espaciais e temporais de uma língua.

Na sua proposta da irregularidade da mudança – a mudança esporádica, a centralidade das palavras em seu uso e em sua cultura – podemos vislumbrar os escritos em torno de “Palavras e Coisas”, já no século XX.

Teoria das ondas

*Wellentheorie*

# Teoria das ondas



ISOGLOSSES.

- 1 + 2 + 3: indo-européen central (vélaire seule).
- 4 + 5 + 6 + 7: langues satem ( $k_2 > k$ ).
- 8 + 9 + 10 + 11: langues centum ( $k_1 > k$ ).
- 1 + 2 + 3 + 9 + 10: langues à désinence  $r$ .
- 9 + 10 + 11: langues à prétérit mixte.
- 6 + 7 + 8: langues à augment.

Johannes Schmidt, Die Verwandtschaftsverhältnisse der indogermanischen Sprachen, 1872  
Diagrama em J. Schrijnen. 1927. *L'Alarodien et l'accent d'intensité initial dans les langues indoeuropéennes*. M.  
S. L. XIII, bl. 53 vv (Collectanea Schrijnen, p.65).

# Teoria das ondas

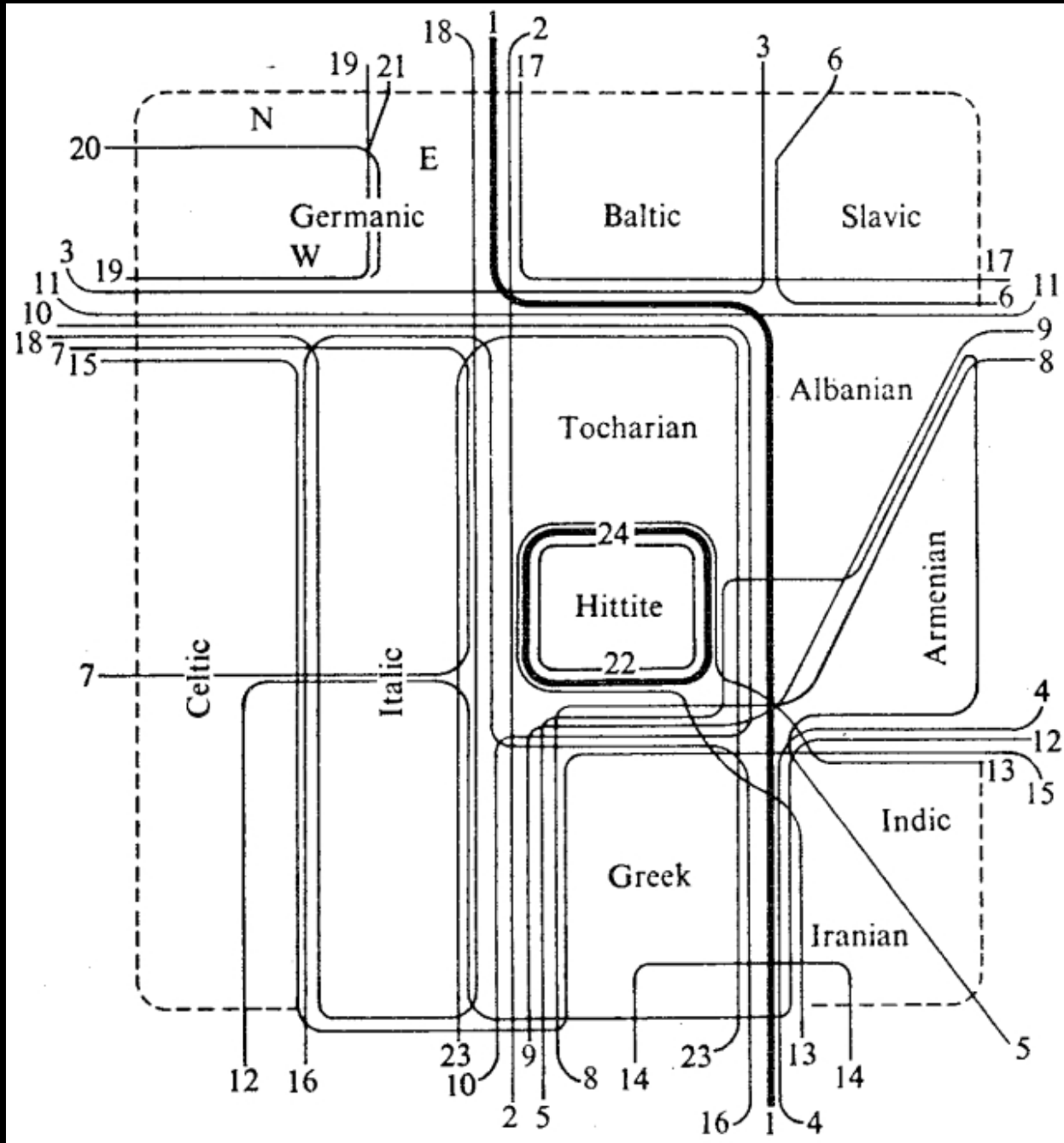
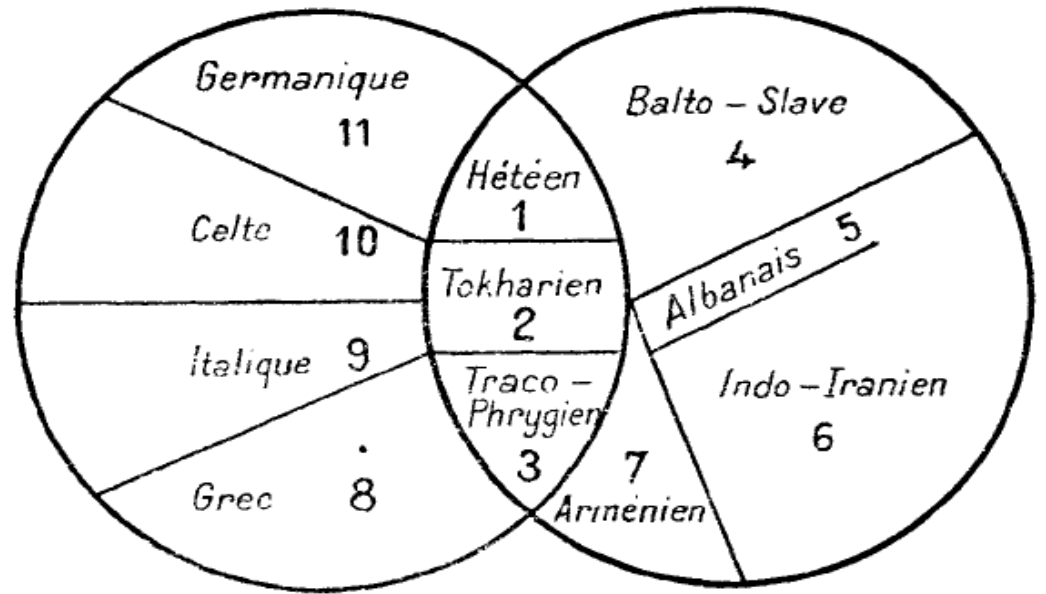


Diagrama em Anttila, R. 1989  
*Historical and comparative linguistics*,  
2nd edn. Amsterdam, The  
Netherlands: John Benjamins.

# Teoria das ondas

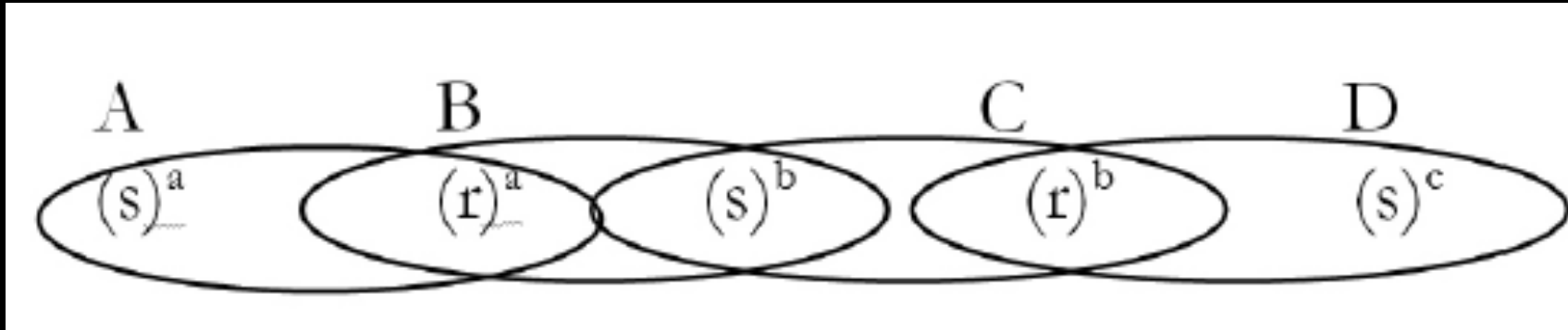


ISOGLOSSES.

- 1 + 2 + 3: indo-européen central (vélaire seule).
- 4 + 5 + 6 + 7: langues satem ( $k_2 > k$ ).
- 8 + 9 + 10 + 11: langues centum ( $k_1 > k$ ).
- 1 + 2 + 3 + 9 + 10: langues à désinence  $r$ .
- 9 + 10 + 11: langues à prétérit mixte.
- 6 + 7 + 8: langues à augment.

*“Basta considerarmos qualquer grupo particular de dialetos aparentados: veremos como as condições ambientais das leis fonéticas mudam de um lugar para outro. Poderemos, com efeito, observar a projeção espacial das diferenças temporais”.*

# Teoria das ondas



*“Se, por exemplo, no interior de duas áreas delimitadas A e B a lei (r)<sup>a</sup> predomina; no interior de C e D a lei (r)<sup>b</sup> e além disso, no interior de A (s)<sup>a</sup> no interior de B e C (s)<sup>b</sup> no interior de D (s)<sup>c</sup> – os limites das leis fonéticas para os dois elementos distintos não contém simplesmente um ao outro: eles se intersectam”.*



Palavras e coisas

*Wörter und Sachen*

# Palavras e coisas

**‘fígado’**

Lat. iecur

esp. hígado, port. fígado, fr. foie, it. fegato, cat. fetge, rom. ficát

[?] iecur > \*ficatu > \*fícatu > hígado, fígado, foie, fegato...  
(cognatos românicos)

# Palavras e coisas

## ‘fígado’

Lat. *iecur*, ‘fígado’

esp. hígado, port. fígado, fr. foie, it. fegato, cat. fetge, rom. ficát

[?] *iecur* > \**ficatu* > \**fícatu* > hígado, fígado, foie, fegato...  
(cognatos românicos)

Entre *iecur* e as formas \**ficatu*, \**fícatu*, que resultam da comparação das línguas românicas, encontra-se um elo quando se considera mais de perto a "*coisa*" [e não apenas a "*palavra*"] - no caso, o interesse gastronômico que os antigos tinham no fígado das aves e a técnica de sua produção.

Lat. ***iecur ficatu***, 'fígado engordado com fígados' >

Lat. *ficatu*, 'fígado engordado com fígados' >

Lat. *ficatu*, 'fígado' >

hígado, fígado, foie, fegato ...

# Palavras e coisas

**'pêssego'**

Lat. malum persicum [maçã da Pérsia/pérsica], 'pêssego' >

Lat. persicum, 'pêssego' >

port. pêssego

Conclusão

Um primeiro fator que pode explicar a pouca repercussão das idéias de Schuchardt contra as leis fonéticas é seu descompasso com o contexto coetâneo.

Para **T. Wilbur**, por exemplo, a crítica de Schuchardt não teve uma recepção à altura por dois fatores principais: primeiro, porque as idéias de Schuchardt estavam à frente do seu tempo; segundo, porque Schuchard estava fora do círculo central no qual as polêmicas teóricas oitocentistas se desenvolviam.

Um segundo fator na pouca recepção das idéias de Schuchardt pode ser seu descompasso com a época que a segue – ou seja, com a linguística do começo do século XX.

Para **E.F.K. Koerner**, F. de Saussure teria sido profundamente influenciado pelo pensamento dos neogramáticos – em particular, por Hermann Paul.

Um segundo fator na pouca recepção das idéias de Schuchardt pode ser seu descompasso com a época que a segue – ou seja, com a linguística do começo do século XX.

Para **E.F.K. Koerner**, F. de Saussure teria sido profundamente influenciado pelo pensamento dos neogramáticos – em particular, por Hermann Paul. De um lado, Koerner considera os *Princípios Fundamentais...* de Paul como um prenúncio do estruturalismo; de outro lado, a tese de Koerner, em última análise, equivale a afirmar que Saussure era um herdeiro direto dos neogramáticos.



O fato é que, se os *Princípios* de Paul representaram a linguística oitocentista para o século XX (Hutton, 1995), e o *Curso* de Saussure inaugurou a linguística do século XX - em nenhuma das duas obras havia lugar para a irregularidade como **princípio**.

Em 1963, no livro “*Idealism in Romance Linguistics*”, o americano Robert Hall apresenta Schuchardt sob a mais brutal de todas as luzes brutais que o século XX lançou sobre seus trabalhos, na avaliação de T.H Wilbur. Nas palavras de Hall sobre a crítica de Schuchardt contra os neogramáticos, de acordo com Wilbur (1972),

*“Observa-se que as críticas de Schuchardt foram todas negativas; ele não ofereceu nenhum princípio positivo para substituir a hipótese de mudança fonética dos neogramáticos. Só o que ele propôs foram observações detalhadas de minúcias... Essa abordagem não é simplesmente não-científica, mas sim completamente anti-científica, negando mesmo a possibilidade de classificação, que é o primeiro passo da análise científica”*

Na introdução à tradução inglesa de “*Sobre as leis fonéticas*”, Wilbur desconstrói cuidadosamente o ataque de Hall a Schuchardt; aqui, quero chamar atenção a apenas um aspecto que nos ajuda a compreender o problema da recepção da sua obra. O que surpreende, na avaliação de Hall (e neste ponto ela reflete muito da avaliação geral da historiografia sobre Schuchardt), é algo que só pode ser chamado de cegueira teórica.

Pois simplesmente não é verdade que Schuchardt não apresente um princípio positivo que ocupasse o lugar do princípio da regularidade da mudança dos neogramáticos.

Ele ofereceu, justamente, **o princípio da irregularidade da mudança**. O problema, ao que parece, é que a historiografia de inspiração estruturalista não consegue enxergar, na irregularidade, matéria de que se façam princípios decentes.

O princípio da irregularidade de Schuchardt é o aspecto fundamental para entendermos sua crítica aos neogramáticos e sua visão sobre a linguagem (e sobre o fazer científico).





““

Não podemos perder de vista as verdades gerais, nem no mais erudito dos estudos particulares. Temos que nos embeber da ciência para transcendê-la. Temos que servir a ciência com o propósito único de domá-la.

””

Hugo Ernst Mario Schuchardt, 1842-1927



Obrigada!

[mariaclara@usp.br](mailto:mariaclara@usp.br)

# Bibliografia Recomendada



# Arquivo Hugo Schuchardt, Universidade de Graz

Hugo Schuchardt Archiv, <http://schuchardt.uni-graz.at/>

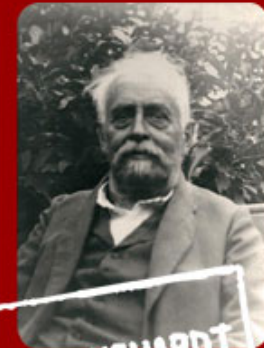
*Bedeutung von zitieren. Das Verb z hat die  
doppelte Übersetzung unseres haben: es steht im  
eigenlichen Sinn (= span. tener) und als Hilfsverbum  
mit dem Partizipium sich hat werden das Hülfesich  
haben.*

## HUGO SCHUCHARDT ARCHIV

Suchbegriff



Home | Hugo Schuchardt | Werk | Korrespondenz | Literatur | Kontakt



**HUGO SCHUCHARDT**

Herausgegeben von Bernhard Hurch

*verstärkt  
wurden, und ebenso ~~ist~~ dasselbe ist von Fall mit-za, kein.  
Das aber auch <sup>hätten</sup> ~~hätten~~*

Der einzige Satz den die sog. junggrammatische Schule als ihr ausschliessliches Eigenthum betrachten darf, ist der von der ausnahmslosen Wirkung der Lautgesetze. Er tritt auch in Schriften auf welche weniger für die Adepten als für die Lehrlinge und Laien bestimmt sind, und zwar trotz des lebhaftesten dagegen erhobenen Widerspruches, ja zum Theil ohne jeden Hinweis auf ihn. Immerhin würde ich dem von gewisser Seite gemachten Vorschlag die Streitart bis auf Weiteres zu vergraben, bereitwillig Folge leisten, wenn sich zwei Parteien mit ganz einheitlichen Bekenntnisformeln gegenüberstünden, es also nur eines Wortes zur Kennzeichnung des eigenen Standpunktes bedürfte. Dies ist nicht der Fall: dieselbe Sache wird auf ziemlich verschiedene Weise ver-